

# Hábitos e informação: contribuições peirceanas para análise dos efeitos interpretativos no contexto da comunicação digital

*Habits and information: Peircean contributions to the analysis of interpretative effects in digital communication*

**Valdirene Aparecida Pascoal**

Doutoranda em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3695-6560>

E-mail: [valdirene.pascoal@unesp.br](mailto:valdirene.pascoal@unesp.br)

**Carlos Candido de Almeida**

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; Professor Adjunto da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8552-1029>

E-mail: [carlos.c.almeida@unesp.br](mailto:carlos.c.almeida@unesp.br)

## Resumo

Neste artigo, o objetivo é desenvolver uma reflexão sobre possíveis impactos de conteúdos propagados em plataformas digitais na relação que estrutura informação-hábito-ação, a partir da semiótica peirceana. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica. O desenvolvimento desta reflexão é pautado na hipótese de que a abordagem semiótica peirceana propicia elementos que auxiliam na compreensão dos processos informacionais que direcionam o desenvolvimento de hábitos. Entende-se que em tempos de *big data*, sociedade da informação, mídias digitais, *fake news*, torna-se premente compreender a dinâmica que envolve a informação e sua relação com a conduta humana. É preciso que a Ciência da Informação incorpore a análise dessas movimentações cada vez mais em suas práticas. A caracterização da informação enquanto processo, apresentada por Charles Sanders Peirce, apresenta elementos que auxiliam no entendimento da relação existente entre informação, ação e conduta. Para Peirce, conforme um signo e seus correlatos transmitem adequadamente a forma do objeto para um interpretante, a informação presente nesse processo direciona o comportamento humano e de outros animais. À medida que o uso e a disseminação de plataformas digitais se tornam fundamentais em sociedades industrializadas, a noção de informação se altera e, conseqüentemente, influencia a conduta individual e coletiva. Em busca do entendimento dessa relação, desenvolve-se uma distinção entre hábitos de ação e hábitos de conduta, com a hipótese de que compreender a relação entre informação, hábitos e ação pode colaborar para a compreensão do impacto que elementos de tecnologia da informação vêm desempenhando nas condutas individual e coletiva.

**Palavras-chave:** informação; semiótica; hábitos; filosofia da informação.

## Abstract

This bibliographic research reflects on how content broadcasted by digital platforms can impact the relations that structure information-habit-action based on Peirce's semiotics. Our central hypothesis states that Peircean semiotics can provide elements to help understand the informational processes that direct the habit development. In times of Big Data, Information Society, digital media, fake news, it is imperative to comprehend the dynamics involving information and its relationship with human conduct. Peirce's characterization of information as a process brings elements that help understand the relations between information and action. According to Peirce, as a sign and its correlates adequately convey the form of the object to an interpretant, the information therein directs human conduct. As the use and dissemination of digital platforms become essential in industrialized societies, the concept of information changes and consequently influences individual and collective conduct. To unveil this relationship, we distinguish between habits of action and habits of conduct, proposing that understanding the relations between information, habits and action can point out the impact of information technologies in individual and collective conduct.

**Keywords:** information; semiotics; habits; information philosophy.

## 1. Introdução

A Filosofia da Informação é um campo de pesquisa que lida com várias questões pertinentes à contemporaneidade sobre teorias, conceitos e temas que envolvem investigação crítica, uso, manipulação e ciência da informação. Um dos pressupostos centrais dessa área de pesquisa, indica Floridi (2009), é o estudo da natureza da informação e sua dinâmica no ambiente. A Filosofia da Informação, campo crucial para o desenvolvimento desta pesquisa, busca revisitar questões antigas da Filosofia, de maneira a retomar e reavaliar estudos e pesquisas da área de computação e informação, além de propor novas soluções para questões em aberto e reestruturar novos problemas. Enquanto campo investigativo a Filosofia da Informação se define pelo seu potencial de reflexão crítica e transdisciplinar, pelas preocupações conceituais e pelos princípios básicos da informação (Suave; Albuquerque, 2019).

Floridi (2002a), ao caracterizar a Filosofia da Informação, considera, em especial, sua capacidade semântica e reforça essa capacidade como metodologia. O filósofo argumenta que a Filosofia da Informação investiga as principais reflexões acerca da interação entre ser humano e informação, destacando as relações informacionais presentes também no ambiente. Matheus (2005) destaca a distinção que existe entre Filosofia da Informação e Filosofia da Informação Aplicada: a primeira, proposta por Floridi (2002), aborda discussões teóricas e filosóficas relativas à informação e à Ciência da Informação; enquanto a Filosofia da Informação Aplicada trata de áreas como documentação e biblioteconomia, fomentando discussões e pesquisas relativas aos estudos aplicados da informação. Pressupõe-se que a Filosofia da Informação na Ciência da Informação tenha o potencial de desenvolver análises críticas e propor soluções para problemas que a informação ocasiona em sociedades contemporâneas, contribuindo para a evolução da Ciência da Informação em si. Salcedo e Revoredo (2013) afirmam que a Filosofia da Informação tem a pretensão de se consolidar como uma área formal de pesquisa, principalmente no que concerne a sua recente referência na literatura científica. Os autores salientam que a Ciência da Informação tem uma série de lacunas a serem respondidas e investigadas. Nesse sentido, Salcedo e Revoredo (2013) sugerem que a Filosofia da Informação retoma alguns paradigmas fronteirizos com outras áreas do saber, incluindo as questões em aberto deixadas pela Ciência da Informação, principalmente aquelas que se referem aos limites conceituais dos seus inúmeros objetos de pesquisa.

Neste artigo, percorrendo caminhos comuns entre a Filosofia da Informação e a Ciência da Informação, pretendemos refletir sobre a noção de hábito, em especial os hábitos direcionados por conteúdos propagados exaustivamente nas mídias atuais. Tanto a Filosofia da Informação quanto a própria Ciência da Informação precisam enfrentar o tema da qualidade dos conteúdos que circulam nas redes. Para tanto, serão necessários dispositivos conceituais que compreendam o funcionamento do comportamento mental dos sujeitos.

Sabe-se que a contemporaneidade é marcada pelo uso excessivo e ubíquo de tecnologias da informação, influenciando direta e indiretamente a forma como indivíduos e sociedades se organizam. Nesse contexto, as seguintes questões guiaram a reflexão proposta neste artigo: qual seria o papel da informação, caracterizada na perspectiva semiótica, no desenvolvimento de hábitos? As mensagens veiculadas em plataformas digitais podem alterar o processo de desenvolvimento dos hábitos?

Para responder tais perguntas, abordamos conceitos principais da semiótica peirceana e sua noção de informação. A semiótica, entendida como a ciência dos signos, é uma ciência em constante progresso. Santaella afirma que: “[...] tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido” (Santaella, 1983, p. 2).

A semiótica é dividida em três ramos: Gramática Especulativa, Lógica Crítica e Retórica Especulativa ou Metodêutica. A Gramática Especulativa explora a natureza geral dos signos, a Lógica examina elementos da construção dos raciocínios, tais como abdução, dedução e indução; a Metodêutica estuda métodos que devem ser pretendidos na exposição e aplicação da verdade (Peirce, 1958, p. 73, CP 1.191). Embora um ramo esteja interligado ao outro, neste artigo, centralizamos nossa discussão na Gramática Especulativa, em que Peirce investiga a fundamentação dos signos e sua ação no mundo. É também nesse ramo da semiótica que se encontra a caracterização de informação, conceito primordial para a nossa discussão.

Esta reflexão será desenvolvida em três etapas: em um primeiro momento, elucidamos a caracterização da informação na perspectiva peirceana. O filósofo desenvolveu sua Teoria da Informação em dois momentos: o primeiro, entre 1865 e 1867; e o segundo, após 1900 (Nöth; Gurick, 2011). A primeira teoria relaciona-se com a abordagem lógica-proposicional, em que a informação é caracterizada como um produto de dimensões lógico-semânticas: extensão (sujeito) e profundidade (predicado). A segunda teoria é uma retomada conceitual da primeira,

incluindo elementos semióticos e abordando aspectos de outros domínios. Nela, a informação passa a ser compreendida como um processo de comunicação *sígnico* (verbal ou não) que não se restringe apenas ao significado. Como se trata de um conceito derivado de uma ampla teoria, focalizamos nossa reflexão na segunda concepção de informação peirceana, elencando aspectos centrais da Teoria Geral dos Signos, os quais fundamentam a informação-processo e caracterizam o desenvolvimento de hábitos.

Em um segundo momento, apresentamos a distinção entre hábitos de ação e hábitos de conduta com base nos escritos de Peirce, ilustrando a relação entre a teoria geral dos interpretantes, as categorias fenomenológicas e o conceito de informação. Peirce defende que um hábito de ação está estruturado em interpretantes emocionais e energéticos. Para ele, esses hábitos seriam possibilitados por relações causais, desencadeando reações nem sempre reflexivas. Em contrapartida, os hábitos de conduta seriam desenvolvidos por relações informacionais, fundamentados em interpretantes lógicos, possibilitando ações intencionais guiadas por acontecimentos factuais. Ao expor tal distinção, argumentamos que a informação é um elemento essencial para que um hábito de conduta se desenvolva, mas não um hábito de ação.

Por fim, discutiremos a possível influência de conteúdos propagados em plataformas digitais (todo e qualquer *software*/ambiente online que permite interação entre usuário e produto) no processo de desenvolvimento de hábitos, como Facebook, Instagram, Twitter, entre outras. Nosso argumento é de que as tecnologias de informação vêm alterando o universo *sígnico* e informacional no qual os agentes estão inseridos, modificando não só a maneira de interagir com símbolos e interpretantes, mas também a forma como um nicho é estruturado.

Pretendemos salientar a importância de processos informacionais no desenvolvimento de hábitos de conduta, frisando a necessidade de compreender informação como um elemento essencial quando se trata de escolhas autônomas e não direcionadas por interesses alheios aos do usuário de plataformas digitais. Os hábitos de conduta e os processos informacionais subordinados a um tipo de realismo devem ser objeto de preocupação da Filosofia da Informação, em geral, e da Ciência da Informação, em particular.

## 2. O conceito de informação na perspectiva da semiótica peirceana

O conceito de informação, de difícil consenso entre as diversas áreas de estudo que exploram esse objeto, é usado no cotidiano, de maneira informal, como conhecimento comunicado. A disseminação de tecnologias de informação e comunicação, redes de computadores, o surgimento da Ciência da Informação em meados dos anos 1950, o desenvolvimento de meios de comunicação na Segunda Guerra Mundial e o consumo e uso dos mais diversos aparelhos digitais que envolvem comunicação demonstram o potencial que a informação desempenha na sociedade contemporânea. Mas o que seria isso que chamamos de informação?

Sem a pretensão de esgotar a discussão aqui levantada, entendemos que a Teoria da Informação peirceana pode fornecer caracterizações importantes para o estudo das ações situadas e incorporadas em diversos nichos, inclusive no digital.

Peirce destaca os elementos dos processos de semiose, ou seja, processo em que signos criam objetos e geram interpretantes, produzindo novos signos que são responsáveis por veicular informação, ou seja, a ação do signo de criar outros signos. O conceito de semiose é fundamental para compreender a caracterização de informação proposta por Peirce, porque a informação só pode ser transmitida quando a forma de um objeto gera um signo interpretante compatível com o objeto. O filósofo destaca que um signo é um primeiro que liga um segundo (objeto) indicando um terceiro (interpretante).

Essa relação é indicada seguinte forma, por Santaella:

O signo é algo que serve para produzir conhecimento sobre alguma outra coisa, “para” a qual o signo “fica” no lugar ou representa. Essa outra coisa é chamada de objeto do signo; a ideia que o signo excita na mente, que é um signo mental do mesmo objeto, é chamada de interpretante do signo. (Santaella, 1983, p. 13).

Peirce fundamenta grande parte de sua filosofia, senão toda, nas categorias fenomenológicas da experiência: primeiridade, secundidade e terceiridade. Em um *continuum* ou espiral da vida, elas refletem a existência enquanto ato. Em suas palavras:

Parece, então, que as verdadeiras categorias de consciência são: primeiro, sentimento, a consciência que pode ser incluída com um instante de tempo, consciência passiva de qualidade, sem reconhecimento ou análise; segundo, consciência de uma interrupção no campo da consciência, sensação de resistência, de um fato externo, de outro algo; terceiro, consciência sintética, tempo de ligação em conjunto, senso de aprendizagem, pensamento. (Peirce, 1958, p. 149, CP 1.377, tradução nossa).

Ao analisar a filosofia peirceana, compreende-se que todos os fenômenos que se apresentam à mente são pontuados por Peirce por meio das categorias fenomenológicas. Tais fenômenos são definidos por Peirce mediante um padrão lógico. Santaella (2008, p. 7) comenta que, em um nível de máxima generalização, a primeiridade é qualidade, acaso, sentimento, originalidade, mônada. A secundidade estaria relacionada com determinação, ação e reação, alteridade, conflito, dúvida. A terceiridade refere-se a continuidade, crescimento e generalidade – e sua forma mais simples seria o próprio signo.

O signo sempre segue a fundamentação triádica e se relaciona com as categorias fenomenológicas sugeridas por Peirce: da relação consigo mesmo (signo-signo), da relação com seu objeto (signo-objeto) e da relação com seu interpretante (signo-interpretante). Tais relações ocorrem sempre de maneira recursiva e cíclica, e não isoladamente. A recursividade do signo pode dificultar a compreensão desse conceito.

Santaella (2008, p. 9) sugere exemplos que facilitam o entendimento da significação do signo, um deles versa sobre o grito. De acordo com a autora, o grito tem qualidades próprias, o que faz dele um *representamen* ou signo. Um grito não é um murmúrio, nem um cochicho, representa algo que não é o próprio grito. Quem grita pode estar em apuros, sentindo dor ou euforia – essa representação ou mediação que faz dele um grito é o objeto do signo. Quem ouvir o grito (intérprete) pode correr para ajudar, ignorar o chamado de ajuda ou comemorar – essa reação é o interpretante do signo. O processo que permeia *representamen*, objeto e interpretante é o próprio signo.

A Teoria dos Signos desenvolvida por Peirce é de tal magnitude que ele considera dez tricotomias sgnicas, classificando 66 classes de signos, como aponta Queiroz (2007). Alguns pesquisadores que se debruçaram sobre os escritos de Peirce relatam que essa subdivisão se divide em até centenas de classes. É nessa fundamentação triádica que alguns elementos essenciais para veiculação da informação se encontram.

As propriedades que fundamentam os signos também são descritas com base nas categorias fenomenológicas. Uma qualidade (primeiridade) é um quali-signo, como Santaella (2008) exemplifica, uma cor sem estar corporificada em um objeto, ou seja, o azul-claro antes de remeter o intérprete ao céu. A secundidade permeia os sin-signos, características como a existência ou ocupar um lugar no espaço e no tempo. A singularidade é um sin-signo, que pode ser um gesto, uma maneira de falar, o andar característico de uma pessoa etc.

Um legi-signo está contido de terceiridade, de leis que moldam uma generalidade. Santaella (2008, p. 13) comenta: “a ação da lei [...] é fazer com que surgindo uma determinada situação, as coisas ocorram de acordo com aquilo que a lei prescreve”. Palavras, sistemas matemáticos e termos que pertencem às leis do Direito, por exemplo, poderiam ser classificados como legi-signos. De acordo com a fundamentação de um signo, ele se refere a determinado objeto, que pode ser caracterizado em ícone, índice ou símbolo, seguindo os três tipos de propriedades: qualidade, existência e lei. Se o signo for um quali-signo, a relação com seu objeto é um ícone, por exemplo a cor azul que pode lembrar o céu. O sin-signo refere-se ao índice, como a fumaça que pode indicar a existência de fogo. O legi-signo fundamenta o símbolo, que pode ser exemplificado com as bandeiras dos países.

O terceiro elemento da tríade, o interpretante, é fundamental para a compreensão da informação e da ação. Exploramos um pouco mais desse signo na seção seguinte deste artigo. Por ora, o que nos importa é sua ramificação em rema, dicente e argumento. O signo é um rema para seu interpretante quando ele for de possibilidade qualitativa, um ícone. Um exemplo dado por Santaella (2008) de rema é quando dizemos que uma nuvem tem forma de castelo. Assim, se temos quali-signos icônicos, o interpretante será remático.

O signo que indica a existência real de um objeto, o signo responsável pela transmissão da informação, é o signo dicente. Por exemplo, quando dizemos ou pensamos sobre um fato, tal como “o copo está sobre a mesa”. Sua veracidade é reconhecida ao constatar, por meio da experiência colateral, que o copo efetivamente está sobre a mesa. Dicientes sempre serão interpretantes de índices, ou seja, o efeito produzido por um dicente se apresenta no espaço-tempo. É o signo que espelha fatos. De acordo com Peirce:

Um Dicente é um Signo que, para seu Interpretante, é Signo de existência concreta. Não pode, conseqüentemente, ser um Ícone porque este não fornece base para sua interpretação, como referindo-se a uma existência concreta. Um Dicissigno envolve, como parte dele, é necessariamente um Rema para descrever o fato que se entende que indique. Trata-se porém, de uma peculiar espécie de Rema; e embora seja essencial para o Dicissigno, de nenhuma forma o constitui. (Peirce, 1994, p. 102).

O argumento é um interpretante possibilitado por um signo de lei, um interpretante final, que pode ser apresentado em sequências lógicas, definições precisas e até mesmo previsões. O argumento é um signo emaranhado por outros signos. Fascinantemente, sua aparição muitas vezes depende de um dicente. Peirce diz que:

É um signo cujo interpretante representa seu objeto como sendo um signo ulterior através de uma lei, a saber, a lei segundo a qual a passagem dessas premissas para essas conclusões tende a ser verdadeira. Manifestamente, então, seu objeto deve ser

geral, ou seja, o Argumento deve ser um símbolo. Como Símbolo, ele deve, além do mais, ser um Legi-signo. Sua Réplica é um Sin-signo Dicente. (Peirce, 1958, p. 108).

É nessa classificação esboçada entre signo, objeto e interpretante que a informação é veiculada enquanto um processo conforme o signo cresce e se torna mais compatível com a representação de seu objeto. O entendimento dos fenômenos do mundo se constrói com base na autenticidade da forma do objeto que se apresenta ao interpretante sígnico, ou seja, quanto mais próximo da realidade a forma do objeto for transmitida para um interpretante, maior será o valor de verdade atribuído à ação e à significação do intérprete.

De acordo com Peirce, o signo dicente seria o único capaz de veicular informação, pois ele é a junção de um quali-signo icônico a um sin-signo indicial, ou seja, é um signo duplo. Em outras palavras, para que um signo seja capaz de veicular informação, é necessário que ele apresente a qualidade de um objeto e aponte a existência do objeto. A sintaxe que emerge dessa relação contextualiza formas e padrões de determinado contexto, possibilitando a atribuição de um juízo de valor. Um exemplo interessante apresentado por Santaella, ao comentar a obra peirceana, pode ilustrar o processo que caracteriza a informação:

[...] um Sin-Signo Dicente (por exemplo, um catavento) é qualquer objeto de experiência direta, na medida em que seja um signo e, como tal, propicie informação acerca de seu Objeto. Só pode fazê-lo sendo realmente afetado por esse Objeto; assim, é necessariamente um Indicador. A única Informação que pode fornecer é a respeito dos fatos concretos. Tal Signo deve envolver um Sin-signo Icônico para incorporar a informação e um Sin-signo Indicativo Remático para apontar o Objeto a que a informação se refere. O modo de combinação ou Sintaxe desses dois signos pode também ser significativo. (Santaella, 1983, p. 105).

Outro exemplo que auxilia na compreensão do processo semiótico de veiculação da informação é o de Megara. Peirce (1988, p. 478) diz que um homem está caminhando sozinho numa estrada e encontra outro indivíduo e diz: “Houve um incêndio em Megara”. Não seria possível afirmar que há informação nessa frase, pois não se sabe o tempo ou a localização do incêndio até que se pergunte quando e onde. Caso o homem responda e aponte o local e o tempo, de modo que haja um elemento comum que possibilite a compreensão, a informação seria transmitida.

Ícone e índices conjugados são capazes de atribuir informação sobre a existência de um objeto real. Um juízo de valor pode ser dado a partir de uma verificação empírica, por exemplo, a partir da constatação do incêndio na cidade, por meio de um objeto dinâmico. O objeto dinâmico, de acordo com Peirce, “é aquilo que, pela natureza das coisas, o signo não pode exprimir e que só pode indicar, deixando para o intérprete descobri-lo por experiência colateral” (Peirce, 1988, p. 21, CP 8.314, tradução de Santaella). O juízo de valor, possibilitado pela

experiência que ultrapassa o que a percepção revela, pode contribuir para a construção de um hábito de conduta.

Vitti-Rodrigues, Matulovic e Gonzalez afirmam que:

[...] o processo informacional se estabelece quando uma forma disponibilizada pelo objeto é delimitada pelo signo e comunicada ao interpretante, que, num processo emergente, tentará reconstruir a forma do objeto transmitida pelo signo, com a finalidade de adequar a conduta e se aproximar do objeto admirável. (Vitti-Rodrigues; Matulovic; Gonzalez, 2017, p. 143).

Em síntese, a informação-processo que o signo dicente veicula permite compreender acontecimentos reais sobre objetos reais. O efeito produzido pelo signo dicente pode perpassar elementos qualitativos e de existência, e a sintaxe que se estrutura nessa relação indica padrões que podem direcionar processo, pensamentos e ações. O efeito do signo produz interpretantes dinâmicos que podem ser emocionais, energéticos e lógicos. Assim, quando um signo veicula a forma de um objeto e produz como efeito um interpretante, ele se torna um fator responsável por direcionar hábitos de conduta.

Na próxima seção, destacamos uma distinção referente ao conceito de hábito desenvolvido por Peirce, que pode ser relevante no entendimento das questões até aqui expostas.

### **3. Hábitos de ação e hábitos de conduta**

Não se pode negar que a construção do conhecimento é permeada por hábitos. Compreender a formação e o desenvolvimentos de hábitos nos auxilia a compreender a própria estrutura do conhecimento. A Ciência da Informação, como apontam Jorente e Santos (2010), deve investigar as modificações que a sociedade da informação provoca na formação de novos hábitos e analisar como os hábitos se desenvolvem e se estruturam, oferecendo indicativos socioculturais para a compreensão das transformações que a informação suscita na contemporaneidade. Dessa forma, o hábito, no contexto da Ciência da Informação, compreende o movimento autorregulador das ações, como afirmam as autoras.

Peirce considera o hábito como um motor dinâmico que expande estados mentais ao mesmo tempo que gera novos hábitos. Assim, ao desenvolver um conceito de hábito como parte fundamental de uma lei cósmica que regula repetições e conduz crenças de controle, o filósofo

levanta a hipótese de que compreender o hábito é compreender o comportamento, que nem sempre é restrito à humanidade.

Ao alicerçar o hábito à informação, Peirce incorpora mais uma problemática: o conflito que pode surgir na percepção e interpretação da informação e suas consequências para a ação na formação de um hábito. O filósofo, de modo geral, aponta que nem sempre aquilo que estamos condicionados a considerar como informação de fato é informação. Para a Ciência da Informação, compreender como hábitos afetam comportamentos e se estão condicionados por informação ou não abre caminhos para discussões conceituais e epistemológicas que visam contribuir para as articulações sociais e ontológicas da área. Nesse sentido, apresentamos nesta seção do artigo a articulação da informação com a formação de hábitos.

Com efeito, quando se fala em hábito, pensa-se em repetição, padrão, algo que fazemos continuamente por um longo tempo. No dicionário Michaelis – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa – há as seguintes definições para hábito:

1 Inclinação por alguma ação, ou disposição de agir constantemente de certo modo, adquirida pela frequente repetição de um ato. 2 Forma habitual de ser ou de agir: “[...] por um hábito de muitos anos, gesticulava e mexia com os lábios, monologando sem pronunciar as palavras” (AA1). 3 Procedimento repetido que conduz a uma prática: “[...] o acesso ao livro e a criação do hábito de leitura são essenciais para fortalecer a nossa cidadania e também como alicerce para outras aprendizagens” (Ín). 4 Conjunto de vestimentas de uma pessoa que pertence a uma ordem religiosa: “[...] não podia crer que houvesse um coração de mulher, um corpo de mulher debaixo da lã pesada do hábito” (RQ). 5 ANT Vestuário para determinada situação. 6 BIOL Modo de ocorrência e desenvolvimento de um organismo. 7 ANT Aparência externa. 8 MINER Aspecto externo de qualquer mineral. 8 Comenda conferida a uma ordem militar ou religiosa. (Michaelis, [20--?]).

Para Peirce, o hábito não se separa de aprendizagem – onde há hábito, há inteligência. Seguem algumas definições sobre hábitos encontradas nos escritos de filósofo:

- “[...] percebemos que algumas plantas adquirem hábitos. O fluxo de água que prepara um leito de rio está formando um hábito [...]” (Peirce, 1958, p. 342, CP 5.492);
- “[...] Princípio geral [...]” (Peirce, 1958, p. 102, CP 2.170);
- “[...] especialização da lei da mente através da qual uma idéia geral ganha o poder de excitar reações [...]” (Peirce, 1994, p. 106, CP 6.145);
- “[...] um julgamento é um ato de consciência no qual reconhecemos uma crença, e uma crença é um hábito inteligente segundo o qual agimos quando a ocasião apropriada se apresenta [...]” (Peirce, 1958, p. 265, CP 2.435);

- “[...] Regra ativa [...]” (Peirce, 1958, p. 388, CP 2.643);
- “[...] disposição herdada para comportar-se de forma similar sob circunstâncias similares no futuro [...]” (Peirce, 1958, p. 333, CP 5.487).

Ao contrário da compreensão comum, hábito significa o nível mais elevado da inteligência, a capacidade de regular deliberadamente uma ação a partir de princípios ou disposições. Os comportamentos inteligentes seguem uma regra ou um princípio geral, os quais, como visto, estão na natureza e na cultura.

Uma das estruturas da filosofia peirceana é a tendência de compreender todos os fenômenos do universo como contínuos, ou aquilo que Peirce denomina como sinequismo (Peirce, 1994, p. 343, CP 7.565). Nota-se nas definições pontuadas acima que a continuidade e a ação do signo (semiose) são elementos fundamentais quando Peirce trata de hábitos. A aprendizagem, resultado final do desenvolvimento de um hábito, só aconteceria na efetivação da semiose. Ainda que não haja clareza sobre a relação entre sinequismo e hábitos, neste artigo elucidamos que sem hábitos não haveria ação no mundo. Além disso, como indicamos, a informação parece ser parte fundamental desse processo.

Santaella (2004) afirma que a semiose não é um processo infinito abstrato, como muitos estudiosos tendem a considerar, mas sim uma conexão necessária com o agir humano. Compreender essa conexão poderia facilitar o entendimento da relação entre a Teoria Geral dos Signos e o desenvolvimento de hábitos. Alguns autores, inspirados nessa concepção, como Gonzalez, Nascimento e Haselagerl (2004, p. 02), sugerem que informação “é um processo auto-organizado que permite o estabelecimento de padrões de ação para organismos situados por relações compartilhadas em ordem”.

Como apontamos, o interpretante é o “efeito que o signo produz na mente de um intérprete”. O interpretante tem variadas ramificações, seguindo as categorias fenomenológicas. Por exemplo, quando o interpretante for um quali-signo, icônico, remático, seu efeito será imediato. Se o interpretante for um sin-signo, indicial, dicente, seu interpretante será dinâmico. Mas se o interpretante for um legi-signo, simbólico, argumento, seu interpretante será final. De acordo com alguns estudiosos de Peirce, essa correspondência nem sempre será espelhada.

Santaella (2008, p. 24) faz o seguinte esclarecimento: o interpretante passa por três níveis para completar seu processo de interpretação: imediato, dinâmico e lógico. O interpretante imediato é “interno” ao signo, é a possibilidade interpretativa. O interpretante

dinâmico é “o efeito efetivo que o signo produz na mente de um intérprete”. Por se tratar de um efeito singular situado no aqui e agora da secundidade, o interpretante dinâmico se divide em: emocional, energético e lógico. O emocional é a qualidade do sentimento, presente em qualquer processo interpretativo. Ícones produzem quase sempre o interpretante emocional – músicas, poemas, memes trazem esse tipo de interpretante à tona com mais facilidade. O interpretante energético refere-se à ação, física ou não. Índices despertam esse interpretante, pois demandam atenção em relação ao objeto indicado, enquanto o interpretante lógico requer uma espécie de regra interpretativa. Para que um símbolo signifique é necessário que o intérprete tenha uma regra internalizada, um hábito associativo, um conjunto de ideias.

O último nível do interpretante é o final, que seria o resultado último interpretativo. Como se trata de um interpretante que só é possível se levado até o limite dos interpretantes dinâmicos, é praticamente impossível que se chegue ao interpretante final, pois ele é a própria continuidade da terceiridade. De maneira geral, esse interpretante representa a abordagem teleológica da teoria semiótica, isto é, sua vocação para indicar os fins últimos da razão, que é perseguir continuamente – mas sem alcançar – o mais completo e perfeito interpretante.

#### 4. Informação e hábitos

Ao retomar a primeira questão proposta neste artigo – qual seria o papel da informação, caracterizada na perspectiva semiótica, no desenvolvimento de hábitos? –, enfatizamos que a concepção de informação proposta por Peirce é caracterizada enquanto um processo sígnico que estrutura hábitos, sendo o signo um mediador que direciona o hábito de conduta, motivado por um objeto de caráter admirável, por uma finalidade em comum. Esse processo ocorre por meio do interpretante lógico, que é identificado por Peirce como um hábito. A regularidade imprescindível produzida pelo efeito do interpretante lógico, a capacidade de suscitar ocorrências particulares e a continuidade dessas ocorrências garantem que o hábito preceda a ação. De acordo com Santaella:

Note-se, contudo, que, longe de funcionar como uma força inflexível à qual as ações devem se conformar, o hábito é um princípio-guia, uma força viva, uma orientação geral que conduz nossas ações, sem aprisioná-las em uma moldura fixa. É por isso que há sempre uma certa margem de flexibilidade na maneira como as ações são reguladas pelos hábitos. É por isso também que os hábitos podem ser rompidos, com muito mais frequência e intensidade no universo humano. Isso ocorre porque, em todo o universo, não há nada mais plástico do que a mente humana, hábil para abandonar e adquirir novos hábitos. (Santaella, 2004, p. 81).

Como a citação sugere, o hábito guia as ações, orienta de que maneira podemos agir no mundo. Há uma distinção importante que Peirce faz acerca dos hábitos. O interpretante lógico, por ser gerado a partir de regras associativas, desenvolve hábitos de conduta, gerando ações deliberadas. O interpretante energético não passa por esse julgamento de criticidade. Ele é responsável por hábitos de ação, que reagem quase instantaneamente aos índices.

Seguindo as caracterizações que permitem o entendimento da distinção entre hábito de ação e hábito de conduta, Peirce (1958, p. 223, CP 1.574) argumenta que existe uma diferença entre motivo de ação e ideal de conduta. Para o filósofo, uma ação sempre tem um motivo, mas só um ideal de conduta permite deliberação, escolha. Para tanto, o agente revisa sua conduta por meio de um julgamento que permite a ele verificar se deseja realmente que sua ação o guie para tal caminho ou não. Um juízo de valor só é possível quando a forma do objeto produz um efeito no interpretante, ou seja, quando a informação é veiculada. Seria, portanto, o interpretante lógico responsável pela deliberação desse ideal de conduta.

Com relação ao fato de a informação ser um elemento guia para que um hábito de conduta se desenvolva, fundamentado em um ideal de conduta, questionamos se esse processo vem ocorrendo adequadamente, em razão da constante influência exercida pelas plataformas digitais na comunicação humana.

Com o auxílio do referencial teórico da semiótica peirceana, investigamos agora nossa segunda questão: as mensagens veiculadas em plataformas digitais podem alterar o processo de desenvolvimento dos hábitos? São visíveis as mudanças que as tecnologias da informação vêm promovendo nas variadas relações que compõem o mundo. Em consequência, o modo como lidamos e produzimos informação também vem sendo modificado. Se considerarmos que a informação veiculada pelo signo dicente indica existência concreta de um objeto, os interpretantes somente produzirão hábitos situados e incorporados de acordo com a concretude desses objetos. No entanto, as mensagens veiculadas em plataformas digitais podem distorcer esse processo informacional, pois carecem de contato com o objeto dinâmico. Assim, parece que a comunicação mediada por instrumentos tecnológicos de informação afeta o processo de desenvolvimentos de hábitos. Se comprovado esse impacto, hábitos exclusivos da interação entre humanos e ambientes digitais vêm sendo desenvolvidos afetando diretamente o processo de semiose.

É importante frisar que o objeto de reflexão aqui é a mensagem propagada, e não a plataforma em si. Apesar de complementares, cada conceito alcança determinado grupo e tem

seu próprio objetivo. Por exemplo, sites, *blogs*, redes sociais, *podcasts* etc. são plataformas digitais que desempenham o papel de mídias sociais. Em contrapartida, *internet banking*, portais governamentais, sites de universidades e portais de seguradoras são plataformas digitais, mas não são mídias sociais (Koerbel, 2019).

A classificação de cada um dos conceitos que permeiam a comunicação na sociedade da informação é importante para que possamos nortear os hábitos desenvolvidos a partir de cada um deles, já que todos afetam a conduta humana, mesmo em diferentes graus. Neste artigo, o enfoque é dado aos conteúdos veiculados e divulgados *ad infinitum* em plataformas de mídias sociais, muitas vezes compreendidos como informativos, mas que, na perspectiva realista da informação adotada por Peirce, não necessariamente o são – e ainda assim afetam a conduta individual e coletiva.

Embora possa parecer restritiva, a concepção realista da informação de Peirce reconhece que a interpretação depende de uma representação adequada do objeto dinâmico cuja percepção do efeito colateral possa ser representada pelo signo dicente. Acreditamos que a Filosofia da Informação e a Ciência da Informação evitam abordar o tema do realismo da informação que condiciona a relação da informação com o objeto dinâmico por essa perspectiva supostamente parecer positivista. Contudo, a perspectiva peirceana mostra-se adequada em um contexto em que proliferam mensagens com conteúdos falsos. Nesses casos, e para questões comuns e factuais, devemos reconhecer que a informação, cuja forma é um signo dicente, deve fazer referência aos objetos da realidade.

As redes sociais podem exemplificar como conteúdos, muitas vezes não informativos, propagados em ambientes online são responsáveis por uma conduta direcionada e não autônoma. Mídias sociais geram conteúdos diversos diariamente, notícias, boletins “informativos”, inclusive os chamados memes da internet. Em analogia à memética proposta por Dawkins, que compreende o meme como uma “unidade cultural de informação”, os memes da internet têm como característica principal sua replicação de forma viral, assim como um vírus, fazendo que a mensagem alcance grandes proporções.

No entanto, alguns estudiosos, como Cannizzaro (2016), afirmam que os memes da internet não podem ser compreendidos como uma unidade cultural de informação porque, para a autora, num sentido semiótico, informação é uma entidade relacional fenomênica. Os memes não existem somente enquanto imagem ou texto, dependem de uma cocriação com uma coleção de objetos de secundidade. Seguindo a linha de Cannizzaro (2016), compreendemos que o

meme da internet é um fenômeno cultural sistêmico e não pode ser transferido de uma mente para outra como um vírus. O meme é um signo de terceiridade que suscita a ação. Porém, ele se propaga à medida que é modificado e compartilhado em diversos contextos.

Elementos como reprodução, viralização, incorporação de imagens, frases, vídeos, geralmente acompanhados de um tom sarcástico ou humorístico, constituem a dinamicidade de um meme. Muitas vezes tornam-se veículos de *fake news*, chamadas para posicionamentos políticos e/ou religiosos, indicativos de ação. Quando ocorre a interação entre usuário e meme, o hábito se efetiva. O meme, como aponta Cannizzaro (2016), tem influência na ação, pois é um sistema de signos com a tendência de assumir uma forma flexível e inteligente ou um hábito. O que ainda não se pode afirmar é qual tipo de hábito deriva da interação entre usuários de plataformas digitais e memes.

Para além do conteúdo propagado em si, as ferramentas de análise e processamento de dados – *big data* – acentuam e direcionam quem recebe determinado conteúdo e meme em mídias sociais e até mesmo em outras plataformas. Gonzalez, Souza e Silveira (2018) apontam alguns exemplos que podem nos auxiliar na investigação em questão:

O ambiente social está adquirindo uma dinâmica própria em sociedades informatizadas com a inclusão de técnicas de manipulação de Big Data. Dentre essas técnicas, destacam-se aquelas que registram e disseminam correlações, em geral associativas, entre padrões informacionais emergentes de traços deixados por usuários em redes sociais, cartão de crédito, câmeras colocadas em locais públicos, entre outros. Assim, por exemplo, tão logo um usuário da Google inicie uma busca online de passagens aéreas para um lugar específico, imediatamente empresas locadoras de carros e hoteleiras oferecem seus serviços a esse usuário. Com o auxílio da informação obtida pelos mineradores de dados, programas computacionais avaliam, rapidamente, a demanda de passagens, carros e hotéis na região indicada, influenciando a variação de seus preços e a ação do possível comprador. (Gonzalez; Souza; Silveira, 2018, p. 259).

Nota-se, portanto, que ferramentas de tecnologia da informação, combinadas com massiva divulgação de notícias falsas ou tendenciosas, memes, bolhas digitais, direcionamento individual de conteúdo nas redes, *robots* de campanha, entre outros, podem influenciar a conduta individual e coletiva. É uma condição necessária, segundo a Teoria da Informação peirceana, que haja a junção de índice e ícone, fundamentada no objeto dinâmico, que possibilite um juízo de valor por meio da experiência colateral. Portanto, um meme da internet pode veicular um conteúdo, mas raramente uma informação.

De acordo com Peirce, a informação veiculada pelo signo dicente indica existência de um objeto real. Assim, os interpretantes somente produzirão hábitos situados e incorporados em concordância com a existência de tal objeto. Não se pode afirmar (ainda) que as redes

acentuam as disposições existentes nos indivíduos ou se potencializam diferenças. Talvez elas facilitem que interpretantes emocionais produzam hábitos de ação, fundamentados em signos que não veiculam informação sobre um objeto real.

Farias (1999), seguindo a caracterização semiótica peirceana, compreende que todo sistema deve ser considerado um tipo de hábito, alguns com tendência à semiose, outros com fixação e rigidez. Acreditamos que conteúdos que circulam em mídias digitais, memes da internet e notícias tendenciosas geram sistemas de hábitos que possibilitam a ação, mas dificilmente a conduta. Como pontuamos, há uma diferença entre hábitos de ação e hábitos de conduta: o primeiro não depende de informação para se desenvolver; o segundo, sim. Isso ocorre porque a semiose possibilitada pelas mídias digitais parece estar fundamentada em interpretantes emocionais e energéticos, pois o objeto dinâmico é distorcido quando a experiência colateral não se efetiva integralmente. Silveira (2007) esclarece que a conduta busca um fim admirável, guiado por propósitos idealmente éticos incorporados em interpretantes lógicos. Nas palavras do autor:

[...] é a conduta que, enquanto se aprimora ao longo do tempo, torna-se adequada para atingir o objeto que a move. Em seu mais alto grau, a conduta é movida para alcançar grandes valores que a justificam em sua generalidade. Em mais de uma ocasião, Peirce Reafirma esta dimensão genuinamente ética da conduta e o peso que isto tem na interação do espírito e da realidade. A conduta prepara-se para o futuro, e conseqüentemente, para alcançar o máximo do objeto de seu desejo através da incorporação de um programa cuja representação constitui-se na série dos interpretantes lógicos, os quais evidentemente implicam os interpretantes energéticos e emocionais para se manterem genuínos. Essa interiorização das representações gerais assume para Peirce a natureza de hábitos. (Silveira, 2007, p. 55).

Mídias digitais envolvem muitos aspectos de imediaticidade. A necessidade de uma ancoragem do signo dicente nas mensagens veiculadas nesses espaços surge porque ambientes online afetam a ação humana. Não pretendemos responder com exatidão todas as problemáticas levantadas nesta reflexão, no entanto, para nortear a discussão aqui proposta, elucidamos que as mídias sociais e a tendência em mimetizar (da memética) conteúdos parecem ser incapazes de gerar hábitos de conduta quando seus conteúdos não veiculam informação. Há uma predominância de interpretantes emocionais e energéticos nos ambientes gerados pelas plataformas digitais e acreditamos que isso se deva a dois fatores: a) instantaneidade, imediaticidade e transitoriedade de conteúdos veiculados; b) direcionamento e filtragem de conteúdos pelas ferramentas de *big data*.

Nesse contexto, parece que o processo responsável pelo desenvolvimento de um hábito de conduta se torna dificultoso, pois o interpretante lógico (que contém em si interpretantes

emocionais e energéticos) não se concretiza. No entanto, as mensagens veiculadas ainda são capazes de influenciar a ação humana por meio de hábitos de ação. É preocupante que esses hábitos fixem crenças e determinem comportamentos individuais e coletivos. Assim, a heterodeterminação ganha espaço quando a informação não é o princípio guia da ação e preocupantemente pode ser responsável por hábitos rígidos e inflexíveis.

## 5. Considerações finais

Neste artigo, a fim de fundamentar nossa hipótese de trabalho – compreender a relação entre informação, hábitos e ação e colaborar para o entendimento do impacto que elementos de tecnologias de informação vêm desempenhando na conduta individual e coletiva –, elucidamos o papel da informação semiótica no desenvolvimento de hábitos, apontamos caracterizações sobre o conceito de hábito no sentido semiótico peirceano e questionamos o papel que as mídias sociais vêm perpetrando nesse processo.

Inicialmente, caracterizamos os elementos que constituem a filosofia semiótica peirceana e a informação nessa perspectiva. A informação para Peirce está estritamente ligada ao signo que espelha fatos: o dicente. A geração de interpretantes, quando estes são fundamentados em informação, produz hábitos de conduta – que geram ações deliberadas, pois visam a uma finalidade, a um ideal de conduta.

Em seguida, fizemos uma distinção entre hábitos de ação e hábitos de conduta. O primeiro é produzido a partir de interpretantes energéticos, não tem um ideal de conduta como base, são hábitos mecânicos e causais. Apesar de terem um início de intencionalidade, ainda podem ser marcados pela heterodeterminação. Os hábitos de conduta são mais flexíveis e possibilitam a criticidade. São fundamentados no interpretante lógico, não existem isoladamente e têm em sua fundamentação interpretantes emocionais e lógicos.

Acreditamos que os processos semióticos responsáveis pela veiculação de informação direcionam os hábitos de conduta. Um dos elementos fundamentais da informação semiótica é a possibilidade de juízos de valor.

Dessa forma, consequências éticas só podem ser avaliadas com base na experiência colateral do agente. É inviável direcionar a conduta, com base em objetos irreais. Ao levar essa discussão para o contexto das mídias digitais e seus impactos nas tomadas de decisão,

principalmente em relação aos interpretantes que produzem hábitos, argumentamos que os hábitos desenvolvidos por meio de mídias digitais dificilmente serão hábitos de conduta. Uma possível conclusão seria de que os interpretantes suscitados nessas mídias quase sempre são emocionais e (ainda) não é possível afirmar quais tipos de hábitos esses interpretantes geram. No entanto, é improvável que sejam hábitos de conduta, pois o interpretante lógico dificilmente é produzido quando não há informação sobre um objeto concreto. Compreender processos informacionais responsáveis pelo desenvolvimento de hábitos poderia suscitar uma avaliação das consequências dos hábitos pelos interpretantes emocionais que atuam em ferramentas de tecnologia da informação. Esses aspectos também devem interessar à Filosofia da Informação e à Ciência da Informação, pois tratam de questões sobre quando uma informação pode ser considerada verdadeira e quais são os tipos de efeitos cognitivos (hábitos) que ela pode gerar.

É necessário reavaliar ações que não são direcionadas por hábitos de conduta em tempos de imediaticidade. Identificar a informação nos conteúdos disparados por plataformas digitais pode ser o diferencial entre uma ação deliberada e uma ação mecânica, porque informação só existe a partir de um objeto real e o real independe de nossa interpretação, como indicado por Peirce: “O real é aquilo que não é o que eventualmente dele pensamos, mas que permanece não afetado pelo que dele possamos pensar” (Peirce, 1958, citado por Ibri, 1992, p. 25). Esperançosamente, acreditamos que processos informacionais abordados semioticamente possam nos auxiliar no exercício de ações autônomas mesmo em ambientes digitais.

## Referências

CANNIZZARO, Sara. Internet memes as internet signs: a semiotic view of digital culture. **Sign Systems Studies**, ed. 44, v. 4, p. 562-586, 2016.

FARIAS, Priscila Lena. Semiótica e cognição: os conceitos de hábito e mudança de hábito em C. S. Peirce. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v. 1, n. 1, p. 12-16, 1999.

FLORIDI, Luciano. Open problems in the philosophy of information. **Metaphilosophy**, v. 35, n. 4, p. 554-582, 2002a.

FLORIDI, Luciano. **The information society and its philosophy**: introduction to the special issue on “the philosophy of information, its nature and future developments”. 2009. Disponível em: <http://www.philosophyofinformation.net/publications/pdf/tisip.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2022.

FLORIDI, Luciano. What is the philosophy of information? **Metaphilosophy**, v. 33, n. 1-2, p. 123-145, 2002. Disponível em: [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1467-9973](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1467-9973). Acesso em: 20 jan. 2022.

GONZALEZ, Maria Eunice Quilici; NASCIMENTO, Thiago Carreira Alves; HASELAGER, Willem Ferdinand Gerardus. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da informação. In: FERREIRA, A.; GONZALEZ, M. E. Q.; COELHO, J. G. (Ed). **Encontros com as ciências cognitivas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. p. 195-220.

GONZALEZ, Maria Eunice Quilici; SOUZA, Renata Silva; SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. Admirabilidade e ação autônoma: uma reflexão filosófica na era dos Big Data. In: GHIZZI, Eluiza Bortolotto; DANTAS, Lúcia Ferraz Nogueira de Souza; MADEIRA, Marcelo S.; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici; AIUB, Mônica (Org.). **Sementes de pragmatismo na contemporaneidade**. São Paulo: FiloCzar, 2018. p. 257-277.

Ibri, Ivo Assad. **Kósmos Noétos: A arquitetura Metafísica de Charles S. Peirce**. São Paulo: Perspectiva Hólon, 1992.

JORENTE, Maria José Vicentini; SANTOS, Plácida L. V. Hábitos, rupturas e novas possibilidades de compartilhamento de informação e de conhecimento. **Informação & Sociedade: Estudos**; v. 20, n. 3, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91195>. Acesso em: 18 out. 2023.

KOERBEL, Alan. O que é mídia social, rede social, plataforma e canal de marketing. **Guia Ekyte**. 2019. Disponível em: <https://www.ekyte.com/guide/pt-br/conceitos/o-que-e-midia-social-rede-social-plataforma-e-canal-de-marketing>. Acesso em: 28 jan. 2022.

MATHEUS, Renato Fabiano. Rafael Capurro e a filosofia da informação: abordagens, conceitos e metodologias de pesquisa para a ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/32916>. Acesso em: 17 fev. 2022.

MICHAELIS moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, [20--?]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/h%C3%A1bito/>. Acesso em: 22 jan. 2022.

NÖTH, Winfried; GURICK, Amaral. A teoria da informação de Charles S. Peirce. **Revista Digital de Tecnologias Cognitivas**, São Paulo, ed. 5, p. 4-29, 2011.

PEIRCE, Charles Sanders. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Ed. C. Hartshorne and P. Weiss. Edição eletrônica reproduzindo os seis primeiros volumes. Cambridge: Harvard University Press, (1866-1913) 1994.

PEIRCE, Charles Sanders. **The collected papers of Charles Sanders Peirce**. Ed. A. W. Burks Edição eletrônica reproduzindo os seis primeiros volumes. Cambridge: Harvard University Press, (1931-1935) 1958.

PEIRCE, Charles Sanders. **The essential Peirce**, v. 2 (1893-1913), Peirce Edition Project (Ed.). Bloomington, IN: Indiana University Press, 1988.

QUEIROZ, João. Classificações de signos de C.S. Peirce – de ‘on The Logic of Science’ ao ‘syllabus of certain topics of logic’. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 179-195, 2007.

SALCEDO, D. A.; REVOREDO, T. M. O estado da arte da filosofia da informação na ciência da informação brasileira. **DataGramZero**, v. 14, n. 6, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7761>. Acesso em: 18 out. 2023.

SANTAELLA, Lucia. O papel da mudança de hábito no pragmatismo evolucionista de Peirce. **Cognitio**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 75-83, jan./jun. 2004.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa da. **Curso de semiótica geral**. São Paulo: Quartier Latin. 2007.

SUAVE, Aline Laureano; ALBUQUERQUE, Ana Cristina de. Ciência da Informação e Filosofia da Informação: reflexões e relações. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 31-38, 2019.

VITTI-RODRIGUES, Mariana; MATULOVIC, Mariana; GONZALEZ, Maria Eunice Quilici. Informação-processo e abdução. *In*: ALVES, Marcos Antonio; GRÁCIO, Maria Claudia Cabrini; MARTINEZ-ÁVILA, Daniel (Org.). **Informação, conhecimento e modelos**. Marília: Oficina Universitária, 2017. (Coleção CLE v. 78). p. 131- 151.

Artigo submetido em: 17 abr. 2023

Artigo aceito em: 31 out. 2023